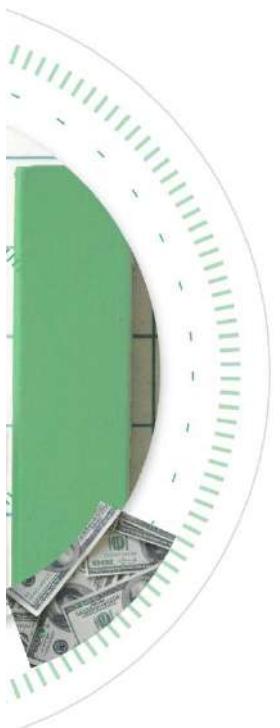


Comportamento Semanal de Mercado

7 a 14 de junho



Flexibilização interrompida



A atenção na semana estará centrada no conteúdo da comunicação da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) que manterá a taxa Selic em 10,50% a.a., interrompendo a flexibilização monetária. A decisão mostra-se como a mais apropriada para que sejam cumpridos os objetivos de convergir a inflação à meta em um cenário que conjuga uma súbita depreciação cambial com a elevação dos prêmios de risco com a reprecificação do início do ciclo de queda na taxa de juros nos EUA, a deterioração das expectativas inflacionárias e os questionamentos acerca da evolução das contas fiscais. Além de mitigar a volatilidade, esse direcionamento ajudaria a sustentar o aperto adicional da política monetária promovido desde a última reunião e precificado no mercado futuro de juros. Por fim, a extensão e a adequação de eventuais ajustes futuros na taxa de juros deverão ser condicionadas pela avaliação do balanço de riscos.

Com variação na margem acima da esperada e uma piora nos dados qualitativos, houve uma aceleração do IPCA que saiu de 3,69% a.a. em abr/24 para 3,93% a.a.. No horizonte relevante para a política monetária, a expectativa de inflação no Boletim Focus para 2025 subiu de 3,78% para 3,80%, afastando-se ainda mais do centro da meta. A pesquisa ajustou a trajetória futura da Selic, só contemplando novos cortes em 2025, fechando 2024 em 10,50% a.a.. A taxa real de juros ex-ante fechou a semana em 7,06%, em patamar bem restritivo quando comparado com os 4,5% considerado como neutro pelo Banco Central (BC).

Fonte de preocupação para a política monetária, o setor de serviços apresentou uma aceleração do crescimento do volume acumulado de 12 meses de 1,41% a.a. em mar/24 para 1,65% a.a. em abril (6,75% a.a. em abr/23). No mesmo critério, a expansão do crescimento do varejo restrito acelerou de 2,52% a.a. em mar/24 para 2,65% a.a. (+0,91% a.a. em abr/23) e do ampliado de 2,91% a.a. para 3,27% a.a. (-0,43% a.a. em abr/23). A variação anual do IBC-BR saiu de 1,78% a.a. em mar/24 para 1,81% a.a., deixando para 2024 um carregamento estatístico de 1,24%. Ainda no que tange ao crescimento, as expectativas do PIB no Boletim Focus começaram a se ajustar saindo de 2,09% em 07/06 para 2,08%.

A semana exibiu uma recuperação na demanda por ativos de maior risco com as divulgações dos dados da inflação nos EUA, tanto ao consumidor como ao produtor. Com números abaixo do que se esperava, recrudesceram as apostas de um posicionamento mais flexível do Fed. Apesar de que, após a reunião de política monetária, a atualização das projeções dos membros do comitê tenha indicado apenas um corte de 0,25 p.p. em 2024. Em 14/06/24, a ferramenta FedWatch do CME Group registrava uma probabilidade de 62,0% de um corte de -0,25 p.p. na reunião de setembro, com 45,0% de chance de uma redução adicional para uma faixa de 4,75% a.a. e 5,00% a.a.. Nesse cenário, os retornos das T-Notes encerraram a semana em queda, beneficiados pelo alívio com a boa demanda no leilão dos títulos de 10 anos.

Para esta semana, destaque também para as divulgações da arrecadação federal e monitor do PIB, além do PMI manufatura e serviços, produção industrial e vendas no varejo nos EUA, PMI manufatura e serviços, inflação ao consumidor e confiança do consumidor na Zona do Euro, além da produção industrial e vendas no varejo na China.

Expectativas

Em semana de reunião de política monetária do BC, a trajetória futura da taxa básica de juros no Boletim Focus passou a contemplar novos cortes apenas em 2025. O ajuste decorreu fundamentalmente da súbita depreciação cambial conjugada com a elevação dos prêmios de risco com a reprecificação do início do ciclo de queda na taxa de juros nos EUA, a deterioração das expectativas inflacionárias e os questionamentos acerca da evolução das contas fiscais. Assim, a mediana das estimativas para a Selic subiu de 10,25% a.a. em 07/06 para 10,50% a.a., (10,00% a.a. há 4 semanas). Com queda projetada em janeiro de 2025, a Meta Selic deve encerrar o ano em 9,50% a.a., contra os 9,25% a.a. apontados na edição anterior (9,00% a.a. há quatro semanas). Por sua vez, para 2026 e 2027, as projeções permaneceram estáveis em 9,00% a.a.

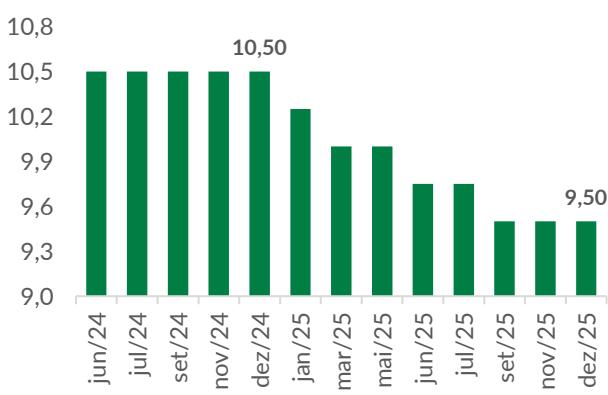
Com o IPCA de maio acima do esperado, as estimativas de inflação de curto prazo passaram de: 0,21% para 0,31% em junho; de 0,12% para 0,14% em julho; e de 0,14% para 0,10% em agosto. Adicionalmente, a expectativa para o IPCA em 2024 subiu de 3,90% para 3,96% (3,80% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, a taxa de 2025 variou de 3,78% para 3,80% (3,74% há 4 semanas). Para 2026, a projeção permaneceu estável em 3,60% (3,50% há 4 semanas) e, pela 50ª semana consecutiva, em 3,50% para 2027.

Embutindo também os prêmios de riscos, as negociações de NTN-Bs mostraram uma redução na inflação implícita na semana: a taxa para o prazo de 1 ano caiu de 4,24% para 4,16%; a de 2 anos de 4,85% para 4,64%; e a de 3 anos de 5,15% para 4,91%. Ainda, a mediana das projeções para a expansão do PIB de 2024 recuou de 2,09% para 2,08%, acomodando-se em 2,00% para os anos de 2025, 2026 e 2027.

Com a pressão cambial no mercado à vista, a cotação do dólar em reais estimada para o final de 2024 depreciou-se em 1,58% para R\$/US\$ 5,13. Para 2025, a estimativa ficou em R\$/US\$ 5,10, com uma depreciação de 0,20%. Para 2026, houve um aumento de 0,39% para R\$/US\$ 5,12, e para 2027, a taxa cresceu 0,78% para R\$/US\$ 5,15.

A deterioração na percepção sobre a agenda fiscal começa a ter impacto nas projeções fiscais. A mediana para o déficit primário, em relação ao PIB, subiu de -0,70% para -0,71% para 2024 (-0,70% há 4 semanas) e variou de -0,67% para -0,60% para 2025 (-0,63% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, prosseguiu em -0,50% do PIB. Também em relação ao PIB, a mediana para o déficit nominal de 2024 aumentou de -7,04% para -7,20% (-6,90% há 4 semanas), para 2025 de -6,39% para -6,44% (-6,30% há 4 semanas), para 2026 de -5,95% para -6,00% (-5,84% há 4 semanas) e para 2027 de -5,60% para -5,85% (-5,50% há 4 semanas). A projeção da dívida líquida do setor público, em relação ao PIB, aumentou de 63,65% para 63,68% para 2024, permanecendo em 66,50% para 2025. Para 2026, a estimativa subiu de 68,30% para 68,45%, e para 2027 de 70,88% para 71,14%.

Selic - Mediana das Projeções (% a.a.)



IPCA – Mediana das projeções (% a.a.)

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	14/06/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
jun/24	0,31	0,21	0,18
jul/24	0,14	0,12	0,15
ago/24	0,10	0,14	0,11
2024	3,96	3,90	3,80
2025	3,80	3,78	3,74
2026	3,60	3,60	3,50

Economia Internacional

Em maio, houve indícios da retomada do processo de desinflação nos EUA. Após um avanço de 0,3% em abr/24, o índice de preços ao consumidor (CPI) ficou estável na margem. Assim, a taxa anualizada desacelerou de 3,4% a.a. em abr/24 para 3,3% a.a.. Excluindo-se as variações de preços de alimentos e energia, o índice aumentou 0,2% em maio, após subir 0,3% em abr/24. O crescimento anual dessa medida de núcleo arrefeceu de 3,6% a.a. em abr/24 para 3,4% a.a..

Adicionalmente, acompanhando os custos mais baixos de energia, o índice de preços ao produtor (PPI) teve deflação de -0,2% em maio, após avançar 0,5% em abr/24. Como consequência, a taxa anualizada passou de 2,3% a.a. em abr/24 para 2,2% a.a..

Sinalizando arrefecimento nas condições no mercado de trabalho, o relatório semanal com os pedidos de seguro-desemprego mostrou um avanço de 229 mil solicitações para 242 mil na semana finda em 8º de junho, superando a expectativa de 225 mil pedidos.

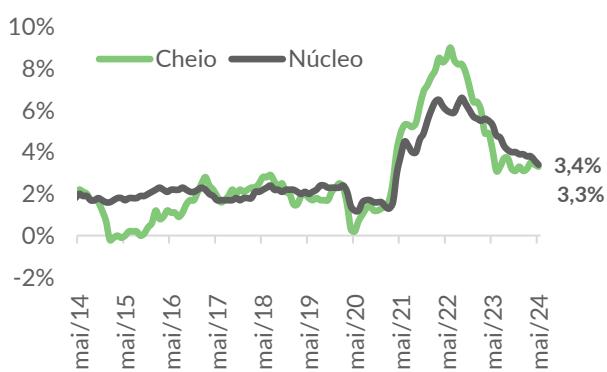
Com as famílias preocupadas com o nível da inflação e da renda, o índice de confiança do consumidor, medido pela Universidade de Michigan, deteriorou-se em junho. A leitura preliminar do índice geral ficou em 65,6 este mês, ante a leitura final de 69,1 em maio. O resultado frustrou a expectativa de analistas consultados pela FactSet, que previam um aumento do índice para 73. A mesma pesquisa mostrou que as expectativas de inflação para o prazo de 1 ano ficaram inalteradas em 3,3%, enquanto para 5 anos o indicador subiu de 3,0% a.a. para 3,1% a.a..

De forma decepcionante, em abril, a produção industrial da zona do euro caiu -0,1% na margem, na série com ajuste sazonal. No confronto interanual, houve uma queda de -3,0% a.a.. Os dados vieram piores que as projeções do consenso da London Stock Exchange Group (LSEG) de uma alta de 0,2% na leitura mensal e uma queda menos intensa, de 1,9% na comparação anual.

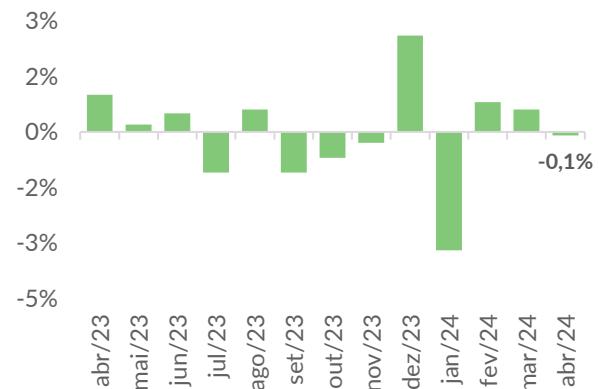
Ainda, o CPI na China crescia em 0,3% a.a. em maio. Os preços dos alimentos apresentaram queda no período, ao passo que os de energia continuaram acompanhando o movimento de commodities energéticas do mercado internacional. O núcleo da inflação desacelerou de 0,7% a.a. em abr/24 para 0,6% a.a.. Já o PPI registrou queda de -1,4% a.a. em maio, ante um recuo de -2,5% a.a. em abr/24. Os preços de materiais relacionados ao setor de construção continuam em queda. Em maio, as vendas no varejo cresceram 3,7% em relação a mai/23, enquanto a produção industrial subiu 5,6%. Assim, espera-se que a inflação local continue baixa, em razão do excesso de capacidade instalada e da oferta acima da demanda.

Por fim, o Banco Central do Japão (BoJ) manteve a taxa básica de juros inalterada entre 0,0% e 0,1% e anunciou que irá reduzir a compra de títulos públicos.

EUA – Preços ao Consumidor (% a.a.)



Zona do Euro – Produção Industrial (% a.m.)



Federal Reserve – Jun/24

Sem surpresas, o Federal Reserve (Fed) manteve, pela 7ª vez consecutiva, a taxa básica de juros na faixa entre 5,25% e 5,50% a.a.. O comunicado assinalou que a economia dos EUA continuou crescendo em ritmo sólido. O mercado de trabalho manteve-se robusto com a abertura de vagas elevadas e uma baixa taxa de desocupação. Apesar dos sinais de arrefecimento, a inflação permaneceu em patamar elevado. Assim, reiterou a mensagem de que a flexibilização monetária seria inapropriada, enquanto não se tiver a confiança de que a inflação esteja efetivamente convergindo para a meta de 2,0% ou houver um desaquecimento no mercado de trabalho.

Sinalizando uma trajetória de juros menos favorável que o mercado, o Sumário de Projeções Econômicas (SEP) dos membros do Comitê de Política Monetária (Fomc) mostrou que a maioria de seus integrantes prevê apenas 1 corte em 2024. Lembrando que em mar/24, a maioria acreditava em 3 reduções. Assim, a mediana das projeções para o nível adequado da taxa dos *Fed Funds* para o final de 2024 passou de 4,6% a.a. em mar/24 para 5,1% a.a.. Para 2025, a taxa variou de 3,9% a.a. para 4,1% a.a., enquanto para 2026 continuou em 3,1% a.a.. Já a mediana das previsões para a taxa de longo prazo, ou a taxa neutra, passou de 2,6% para 2,8%.

Ademais, após um desempenho acima do esperado em 2023, projetou um crescimento mais lento em 2024. A mediana da estimativa para o PIB desse ano ficou em 2,1% e em 2,0% para 2025 e 2026. Ao mesmo tempo, as projeções de inflação foram revistas para cima. A estimativa para o aumento do índice de preços de gastos com consumo (PCE) para 2024 saiu de 2,4% em mar/24 para 2,6%, com o indicador que exclui itens voláteis como os preços de alimentos e energia subindo de 2,6% para 2,8%. Para 2025, a estimativa do índice cheio passou de 2,2% para 2,3%, com o núcleo em 2,3% e a inflação convergindo à meta apenas em 2026.

Por fim, espera-se que a taxa de desemprego para 2024 prossiga em 4,0%. Para 2025, a estimativa passou de 4,1% para 4,2% e para 2026, de 4,0% para 4,1%.

FOMC

Indicador	Mediana das Projeções							
	2024		2025		2026		Longo Prazo	
	mar/24	jun/24	mar/24	jun/24	mar/24	jun/24	mar/24	jun/24
PIB real	2,1	2,1	2,0	2,0	2,0	2,0	1,8	1,8
Desemprego	4,0	4,0	4,1	4,2	4,0	4,1	4,1	4,2
PCE	2,4	2,6	2,2	2,3	2,0	2,0	2,0	2,0
PCE núcleo	2,6	2,8	2,2	2,3	2,0	2,0	-	-
Taxa fed funds	4,6	5,1	3,9	4,1	3,1	3,1	2,6	2,8

Fonte: Federal Reserve. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Após iniciar pressionada pelos dados do *Payroll*, a semana exibiu uma recuperação na busca por ativos de maior risco com as divulgações dos dados da inflação nos EUA, tanto ao consumidor como ao produtor. Com números abaixo do que se esperava, recrudesceram as apostas de um posicionamento mais flexível do Fed. Apesar de que, após a reunião de política monetária, Jerome Powell tenha manifestado um posicionamento conservador e a atualização das projeções dos membros do comitê tenha indicado apenas um corte de 0,25 p.p. em 2024.

Em 14/06, a ferramenta FedWatch do CME Group apontava 62,0% de chance de um corte de -0,25 p.p. na Fed Funds em setembro (45,1% em 10/06/24). A probabilidade de 2 cortes de -0,25 p.p. na taxa básica de juros que encerraria o ano de 2024 entre 4,75% a.a. e 5,00% a.a. era de 45,0% (35,6% em 10/06). Beneficiando-se também da boa demanda no leilão dos títulos de 10 anos (US\$ 39 bilhões), a semana encerrou com quedas nos retornos das *T-Notes*: de -0,20 p.p. para 4,67% a.a. no de 2 anos; de -0,24 p.p. para 4,22% a.a. no de 5 anos; de -0,23 p.p. para 4,20% a.a. no de 10 anos; e de -0,21 p.p. para 4,34% a.a. na de 30 anos.

As principais bolsas exibiram desempenhos distintos, com altas de 3,24% na Nasdaq e de 1,58% no S&P 500, impactadas pelas ações das big techs. Já o Dow Jones recuou -0,54% com a piora nas projeções da atividade. As bolsas europeias registraram perdas, em linha com a instabilidade política com a votação no parlamento europeu, com quedas de -2,99% no DAX 40 e de -1,19% no FTSE 100. O índice Xangai apontou uma retração de -0,61%. Por sua vez, o Nikkei 225 subiu 0,34% após o BoJ manter a taxa de juros e sinalizar a redução na compra de títulos, indicando um possível aperto quantitativo.

No mercado de *commodities*, o preço do minério de ferro negociado em Qingdao recuou -1,96%, refletindo o pessimismo com a economia chinesa. Já a saca de soja na bolsa de Chicago ficou praticamente estável, com ligeira alta de 0,04%, e o barril de petróleo tipo Brent registrou alta de 3,77% para US\$ 82,62.

No âmbito doméstico, mantém a deterioração no sentimento dos investidores, refletindo as incertezas na condução fiscal e a perspectiva de uma política monetária mais restritiva. O Ibovespa registrou a 4ª semana seguida com redução, recuando -0,91%, voltando para o patamar dos 119 mil pts.. Ainda, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, aumentou 11,59 bps. no período para 158,18 bps., acumulando uma elevação de 25,75 bps. em 2024.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts 14/06/2024	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	119.662	-0,91%	-6,89%	0,37%
Nasdaq	17.689	3,24%	7,13%	28,34%
S&P	5.432	1,58%	3,52%	22,72%
Dow Jones	38.589	-0,54%	-2,45%	12,15%
FTSE 100	8.147	-1,19%	-3,34%	6,80%
DAX 40	18.002	-2,99%	-3,82%	10,51%
Nikkei 225	38.815	0,34%	1,20%	15,91%
Xangai	3.033	-0,61%	-3,60%	-6,77%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



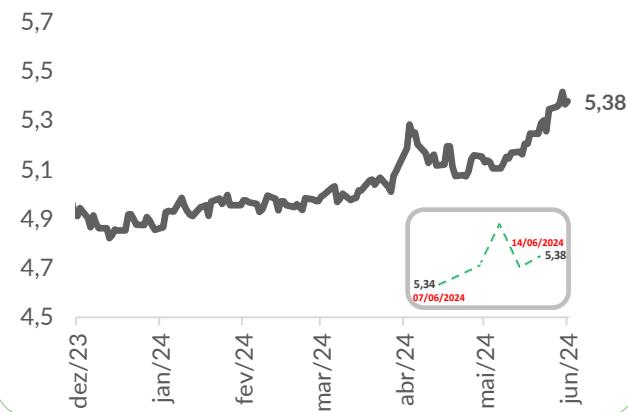
Câmbio

Apesar do recuo nos retornos dos *treasuries* na semana, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. O *Dollar Index*, que mede a variação do dólar norte-americano frente a uma cesta de moedas de países desenvolvidos, subiu 0,63%, contemplando as depreciações de 0,92% no euro e de 0,25% na libra esterlina.

Refletindo a deterioração do sentimento quanto aos países emergentes, iniciado com a eleição presidencial no México, e também as quedas nas cotações das *commodities* metálicas, o índice que calcula o desempenho de uma cesta de divisas de países emergentes frente ao dólar registrou uma contração de -0,45% na semana, com destaque para as depreciações de -5,20% no peso colombiano, de -0,66% no rublo russo, de -0,44% no peso argentino, de -0,35% no peso mexicano e de 0,21% na rúpia Indiana, além da apreciação de 2,74% no rand sul-africano.

O aumento dos prêmios de riscos nos ativos locais levou o real a um desempenho inferior à média de seus pares emergentes, depreciando-se 0,60% no período, com o dólar fechando cotado a R\$ 5,38. A despeito da depreciação cambial, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 5,30 bilhões entre os dias 03 e 07/06, decorrente das entradas líquidas de US\$ 2,95 bilhões na conta comercial e de US\$ 2,35 bilhões na financeira. Em 2024, o fluxo cambial acumulou uma entrada de US\$ 11,42 bilhões em 2024. Na semana, o BC manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2024.

Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia Indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

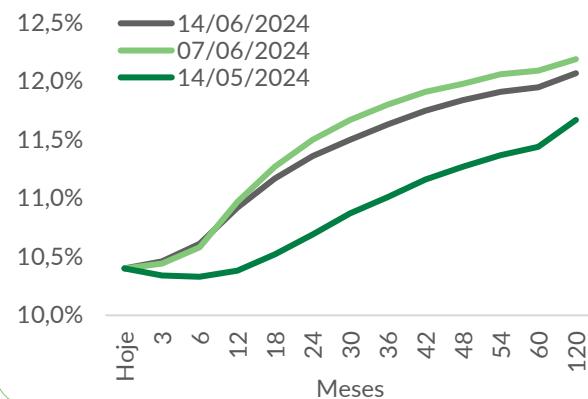
A Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) fechou a semana com altas nos vértices mais curtos, refletindo o IPCA de maio acima do esperado, e a perspectiva de uma política monetária mais conservadora. No longo prazo, em linha com o movimento do exterior, houve reduções nos prêmios embutidos nos vencimentos mais longos.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 3 meses subiu de 10,44% a.a. para 10,46% e a de 6 meses de 10,58% a.a. para 10,61%. Já com reduções, a taxa de 1 ano saiu de 10,97% a.a. para 10,92%, a de 2 de 11,50% a.a. para 11,36%, a de 3 de 11,80% a.a. para 11,63%, a de 4 de 11,98% a.a. para 11,84%, a de 5 de 12,09% a.a. para 11,95% e a de 10 anos recuou de 12,19% a.a. para 12,07%.

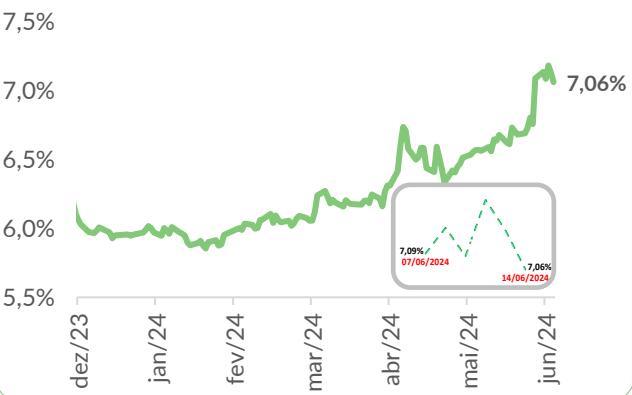
Com a queda na taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias e a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,02 p.p. na semana para 3,61%, a taxa real de juros ex-ante ficou em 7,06%, o que representou uma diminuição de -0,03 p.p. no período. Dessa forma, permanecendo ainda em patamar restritivo.

Por fim, a medida de inclinação calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,07 p.p. na semana para 1,15 p.p., ainda em patamar historicamente elevado. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, recuou -0,04 p.p. para 1,25 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA - Mai/24

Contemplando os primeiros impactos da calamidade pública no Rio Grande do Sul (RS), o IPCA em maio subiu acima do esperado. A inflação acelerou de 0,38% em abr/24 para 0,46%, superando a mediana da coleta do Valor Data de 0,41%. Após vários meses em desaceleração, a taxa anualizada do índice elevou-se de 3,69% a.a. em abr/24 para 3,93% a.a. (3,94% a.a. em mai/23).

O efeito das enchentes gaúchas começou a aparecer na inflação medida pelo IPCA especialmente em alimentos, mas, como as fortes chuvas afetaram as cadeias produtivas em geral, poderão ocorrer desdobramentos nos bens industriais ou serviços. Como agravante, há conjunção da deterioração das expectativas inflacionárias com a taxa de câmbio mais depreciada em um ambiente de um mercado de trabalho aquecido.

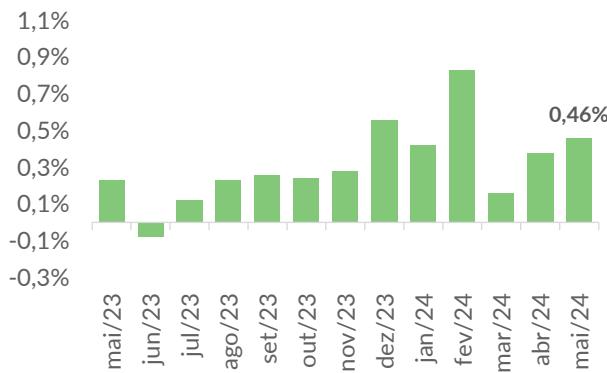
Na comparação com abr/24, houve aceleração em 8 das 9 classes de despesa. A exceção ficou para os artigos de residência, cuja taxa passou de -0,26% para -0,53%. Alavancado pela alta nos custos dos tubérculos, raízes e legumes (6,33%), o grupo Alimentação e Bebidas exerceu o maior impacto de 0,13 p.p. no índice total, apesar dos preços desacelerarem de 0,70% para 0,62%.

Com o reajuste de tarifários em algumas capitais do país, o custo da energia elétrica aumentou 0,94% em maio, ajudando para que os preços de Habitação acelerassem de -0,01% para 0,67%, contribuindo com +0,10 p.p. no IPCA. Alavancado pelo aumento dos preços da gasolina (0,45%) e das passagens aéreas (5,91%), o grupo transportes contribuiu com +0,09 p.p. no índice total. Ainda, pressionada pelos custos com plano de saúde (+0,77%) e itens de higiene pessoal (+1,04%), a inflação do grupo saúde e cuidados pessoais cresceu 0,69% no mês, ante 1,16% em abr/24 (+0,09 p.p.).

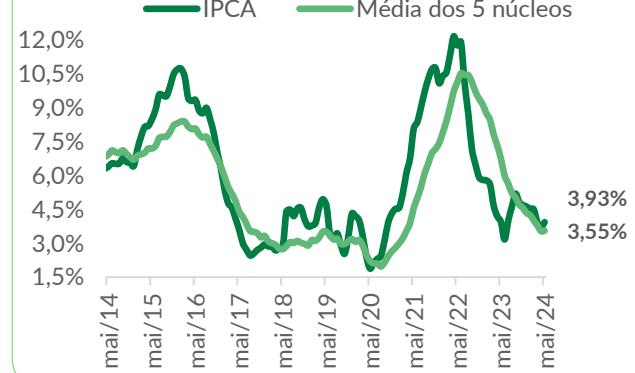
No caso dos dados qualitativos, os números também não foram positivos. Passando a superar o centro da meta, a inflação dos preços livres acelerou de 2,82% a.a. em abr/24 para 3,19% a.a.. No critério do Banco Central (BC), a alimentação no domicílio subiu de 2,59% a.a. para 3,27% a.a., a de serviços de 4,60% a.a. para 5,09% a.a. e a média dos núcleos acompanhados de 3,53% a.a. para 3,55% a.a..

Por sua vez, o IPCA na média móvel trimestral (MM3), na série dessazonalizada, mostrou recuo de 2,87% a.a. para 2,83% a.a.. No mesmo critério, o aumento dos preços de serviços subjacentes ampliou-se de 4,87% a.a. em abr/24 para 5,13% a.a. e os de bens industriais de -0,08% a.a. para 0,36% a.a.. Em sentido inverso, os preços subjacentes de alimentação no domicílio passaram de 4,91% a.a. para 4,57% a.a..

Variação Mensal



Variação Anual



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IGP-10 – Jun/24

O IGP-10 da FGV subiu 0,83% em junho, após uma alta de 1,08% em mai/24. Com esse resultado, o índice acumulou um incremento de 1,18% no ano. Já a taxa anualizada saiu de uma deflação de -1,27% a.a. em mai/24 para uma alta de 1,79% (-6,31% a.a. em jun/23).

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) variou 0,88% no mês, abaixo da alta de 1,34% em maio. Analisando-se por estágios de processamentos: o grupo de Bens Finais apontou um acréscimo de 1,09% no mês (-0,18% em mai/24); Bens Intermediários um crescimento de 0,77% em jun/24 (0,91% em mai/24); e Matérias-Primas Brutas uma elevação de 0,80% (3,45% em mai/24).

As principais contribuições para a desaceleração nas matérias primas foram: minério de ferro (11,70% para 0,05%), café em grão (15,28% para 1,24%) e mandioca (6,77% para -7,21%). Em sentido oposto temos: cana-de-açúcar (-2,59% para -0,07%), milho em grão (-0,87% para 1,43%) e arroz em casca (0,87% para 7,50%).

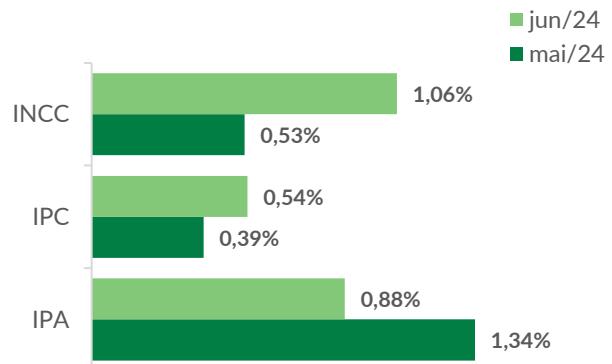
Em relação ao Índice de Preços ao Consumidor (IPC), houve acréscimo de 0,54% em junho, contra 0,39% em maio. Das suas classes de despesas, 4 de 8 apontaram alta: Alimentação (de 0,53% para 0,97%), Educação, Leitura e Recreação (de -0,51% para 0,22%), Habitação (de 0,26% para 0,52%) e Despesas Diversas (de 0,16% para 0,35%). Com desaceleração ficaram os grupos: Transportes (0,64% para 0,37%); Comunicação (0,57% para 0,26%); Vestuário (-0,02% para -0,20%); e Saúde e Cuidados Pessoais (0,78% para 0,75%).

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) variou de 0,53% em mai/24 para 1,06%. Analisando seus componentes, foram observadas as seguintes movimentações: Materiais e Equipamentos (de 0,24% para 0,45%); Mão de Obra (de 0,92% para 1,96%); e Serviços (de 0,52% para 0,39%).

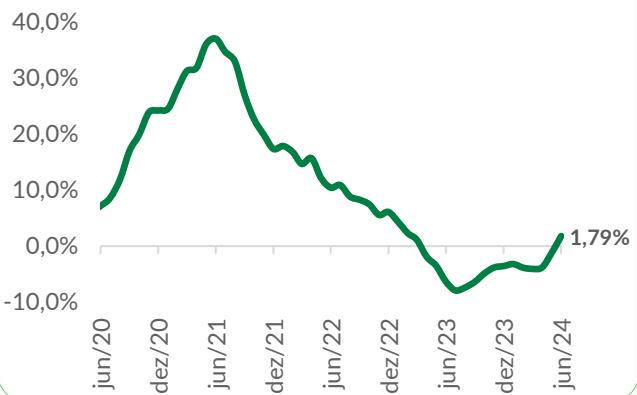
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Abr/24

Superando a estimativa do Valor Data de uma alta de 0,30%, o volume de serviços cresceu 0,50% em abril, na série livre de influências sazonais. Marcando o 2º resultado positivo consecutivo, o setor situou-se 12,91% acima do nível de fev/20, mas -0,68% inferior ao ponto mais alto da série, em dez/22. A despeito deste bom desempenho, o indicador serviços deve sofrer em maio o impacto das enchentes no Rio Grande do Sul, sobretudo nos setores de transportes e nos serviços prestados às famílias.

As variações por atividades foram de: -1,76% nos serviços prestados às famílias; +0,44% nos de informação e comunicação; -1,09% nos profissionais, administrativos e complementares; +1,73% nos transportes; e 4,98% nos outros serviços.

Com o efeito da queda nos preços das passagens, o setor aéreo se destacou, enquanto as atividades de serviços financeiros e auxiliares ajudou a alavancar os outros serviços. Ainda, puxado pelo resultado de telecomunicações, o setor de informação e comunicação renovou o ápice de sua série histórica.

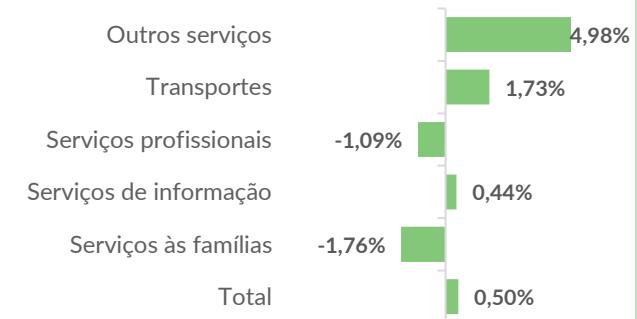
Ainda na série dessazonalizada, a média móvel trimestral para o total do volume de serviços mostrou ligeira variação positiva de 0,22%, deixando um carregamento estatístico positivo de 0,68% para o 2T24.

Voltando a acelerar, a variação anual do volume de serviços acumulado em 12 meses ficou em 1,65% a.a. em abril, ante 1,41% a.a. em mar/24 (6,75% a.a. em abr/23). Na decomposição, houve as elevações de 4,27% a.a. nos serviços prestados às famílias (4,29% a.a. em mar/24), 3,67% a.a. nos serviços de informação e comunicação (3,37% a.a. em mar/24), 3,32% a.a. nos serviços profissionais (3,21% a.a. em mar/24), além das quedas de -0,60% a.a. em Transportes (-0,75% a.a. em mar/24) e -0,73% a.a. em Outros serviços (-1,55% a.a. em mar/24).

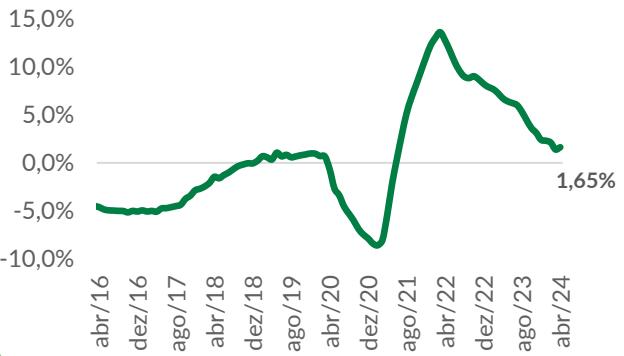
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Por segmento



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio- Abr/24

Após uma alta de 0,25% em mar/24, as vendas no varejo restrito cresceram 0,88% em abril, na série com ajuste sazonal, atingindo um novo nível recorde da série. Beneficiando-se da recuperação no mercado de crédito, do crescimento da população ocupada e da massa de rendimentos, o setor cresceu pelo 4º mês consecutivo. Ante abr/23, a alta foi de 2,20%. No acumulado do ano houve uma alta nas vendas de 4,94% frente ao mesmo intervalo de 2023.

No comparativo com abr/23, 6 das 8 atividades investigadas avançaram: Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (18,88%); Equipamentos e material para escritório informática e comunicação (16,08%); Móveis e eletrodomésticos (8,00%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (4,56%); Livros, jornais, revistas e papelaria (2,37%); e Combustíveis e lubrificantes (1,76%). Em sentido inverso houve perdas em: Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,33%); e Tecidos, vestuário e calçados (-1,47%).

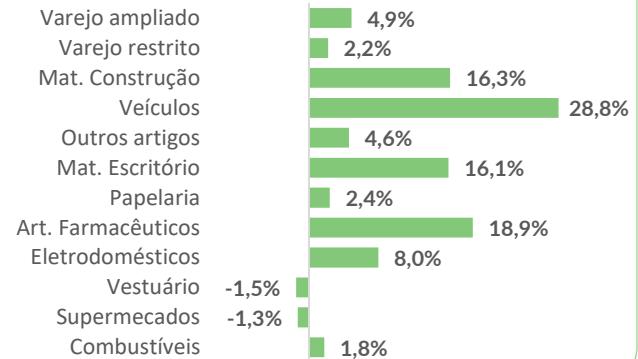
Por sua vez, o comércio ampliado, que inclui veículos, materiais de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, registrou uma queda de -0,98% na margem, após uma retração de -0,21% em mar/24. Ante abr/23, houve alta de 4,95%. Essa variação interanual refletiu as variações de:-13,02% nas vendas do atacarejo; de +28,77% nas vendas de veículos; e de +16,35% no material de construção. Assim, o varejo ampliado acumulou um ganho de 4,69% no ano ante ao mesmo período de 2023.

Considerando-se a série com o volume de vendas acumuladas em 12 meses, o crescimento do varejo restrito acelerou de 2,52% a.a. em mar/24 para 2,65% a.a. (+0,91% a.a. em abr/23), ao passo que no ampliado a expansão passou de 2,91% a.a. para 3,27% a.a. (-0,43% a.a. em abr/23).

Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Por segmento



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IBC-Br - Abr/24

Utilizado como indicador antecedente do PIB, o IBC-Br do BC manteve-se praticamente estável em abril subindo 0,01% na série livre de influências sazonais. Ademais, a série foi revisada com as variações passando de: -0,34% para -0,36% em mar/24; +0,34% para +0,36% em fev/24; +0,51% para +0,60% em jan/24; de +0,67 para +0,72% em dez/23; +0,04% para +0,11% em nov/23 e de -0,01% para -0,02% em out/23.

A estabilidade na margem frustrou a expectativa de avanço de 0,45% apontada pelo levantamento do Valor Data. O resultado veio na esteira das reduções mensais observadas na produção industrial e no volume do varejo ampliado, a despeito do bom desempenho do setor de serviços no mês. O impacto do pagamento dos precatórios percebidos em jan/24 e fev/24 parece ter se dissipado. Na comparação interanual, o indicador apresentou uma alta de 4,01% em relação a abr/23.

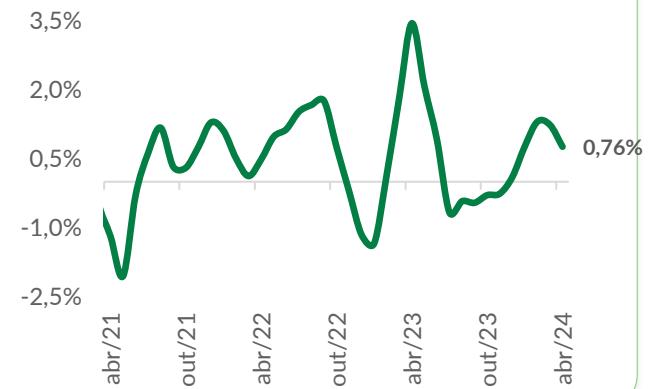
Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de atividade apontou no trimestre encerrado em abril uma expansão de 0,76% em relação ao finalizado em jan/24. Em comparação ao mesmo trimestre de 2023, o IBC-Br mostrou um crescimento de 1,63%. O carregamento estatístico para o 2T24 é -0,11%. O 2T24 sofrerá os efeitos da calamidade no RS e a deterioração das condições financeiras.

Já na variação anual do acumulado em 12 meses, o crescimento foi de 1,81% a.a. contra 1,78% a.a. em mar/24, deixando para 2024 um carregamento estatístico de 1,24%.

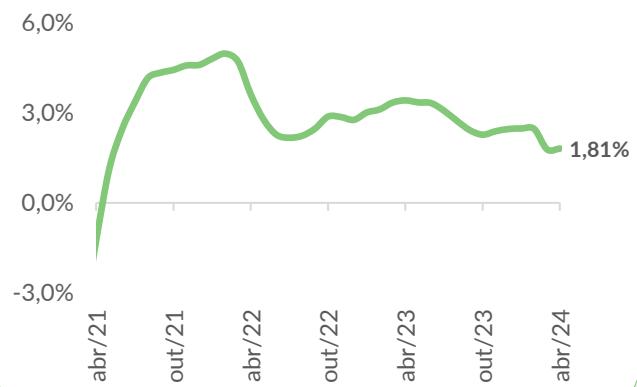
Variação Mensal Série com ajuste sazonal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

PEIC – Mai/24

Possivelmente refletindo a flexibilização monetária e o momento favorável no mercado de trabalho, houve o 3º aumento mensal consecutivo no sentimento de endividamento das famílias na Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC.

Considerando como dívidas as contas a vencer nas modalidades cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo pessoal, cheque pré-datado e prestações com financiamento de veículos e imóveis, a pesquisa mostrou que, em maio, 78,8% das famílias relataram ter dívidas a vencer (78,3% em mai/23).

No entanto, a maior quantidade de famílias que se sentem endividadas não foi acompanhada pelo crescimento da inadimplência. O indicador manteve-se em 28,6% pelo 3º mês seguido (29,1% em mai/23). Por sua vez, a parcela de famílias que não terão condições de arcar com as dívidas passou de 12,1% em abr/24 para 12,0% (11,8% em mai/23).

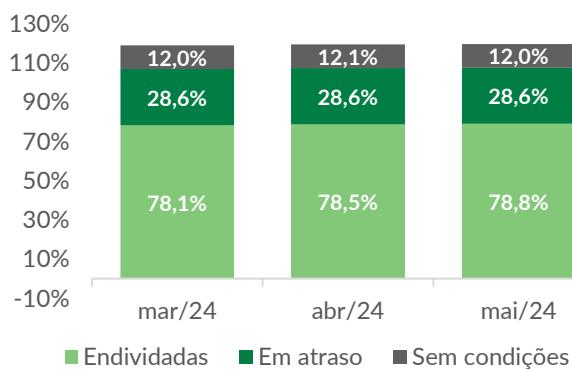
A recente estabilidade na inadimplência parece refletir a melhora na renda e o processo de desinflação. Contudo, na classe de menor renda, que recorre mais ao crédito e tem maior dificuldade em amortizar as dívidas, houve na margem um aumento simultâneo nos indicadores de endividamento e inadimplência.

Nas famílias com renda mensal de até 3 salários-mínimos (SM), a proporção de endividados aumentou de 80,4% em abr/24 para 80,9% em maio. Na com renda de 3 a 5 SM, a parcela subiu de 79,7% para 79,9% em maio. No grupo de 5 a 10 SM, a variação foi de 75,5% para 77,1%. No grupo com renda acima de 10 SM, a fatia reduziu-se de 71,7% para 71,4%.

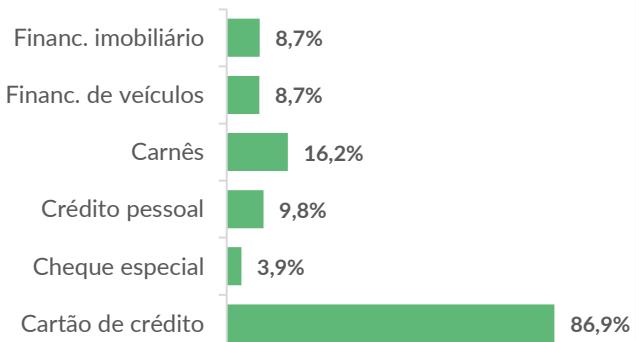
Quanto à inadimplência, no grupo de até 3 SM, a proporção de famílias com dívidas em atraso subiu de 35,8% em abr/24 para 35,9% em maio. Na classe com renda de 3 a 5 SM, a parcela de inadimplentes diminuiu de 26,4% para 26,1%. No grupo de 5 a 10 SM, houve elevação de 22,2% para 22,4% em maio. Na faixa que recebe acima de 10 SM, a fatia diminuiu de 14,6% para 14,4%.

Em relação ao tipo de dívida, o cartão de crédito continua sendo a modalidade mais mencionada, representando 86,9% das dívidas (87,1% em abr/24 e 87,2% em mai/23). O principal destaque foi o aumento da participação em 12 meses do financiamento imobiliário com 8,7% (8,7% em abr/24 e 7,1% em mai/23). Na sequência: carnês com 16,2% (16,2% em abr/24 e 16,7% em mai/23); crédito pessoal com 9,8% (10,1% em abr/24 e 9,1% em mai/23); e financiamento com veículos com 8,7% (8,9% em abr/24 e 7,9% em mai/23).

PEIC %



**Tipo de Dívida
% Total**



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Demand por Crédito - Serasa - Abr/24

Segundo o Indicador de Demanda do Consumidor por Crédito da Serasa Experian, a demanda dos consumidores por linhas de crédito em abril foi 13,6% maior em relação a abr/23 (-5,6% em mar/24). Nesta base comparativa, foi a 1ª a alta registrada em 2024.

Representando a quantidade de transações consultadas que configuram alguma relação creditícia entre os consumidores e instituições do sistema financeiro ou empresas não financeiras, o indicador para as empresas expandiu-se em 15,1% em relação a abr/23 (-2,4% em mar/24).

A alta foi puxada principalmente pela demanda das micro e pequenas empresas (MPEs), que subiu 15,3% na comparação anual (-2,4% em mar/24), com a melhora de cenário após o anúncio de medidas do Desenrola Pequenos Negócios. Já entre as empresas de grande porte (GE), a procura por crédito aumentou 9,6% (+14,0% em mar/24), ao passo que para as médias (ME) subiu 9,2% (+17,9% em mar/24).

Dentre os setores, na mesma base comparativa, o industrial apresentou alta de 12,8% na demanda por crédito (-6,6% em mar/24), enquanto o comércio cresceu 9,2% (-7,2% em mar/24) e serviços se expandiu 19,6% (+2,0% em mar/24). Já os demais setores apontaram uma alta de 38,6% ante abr/23 (+4,7% em mar/24).

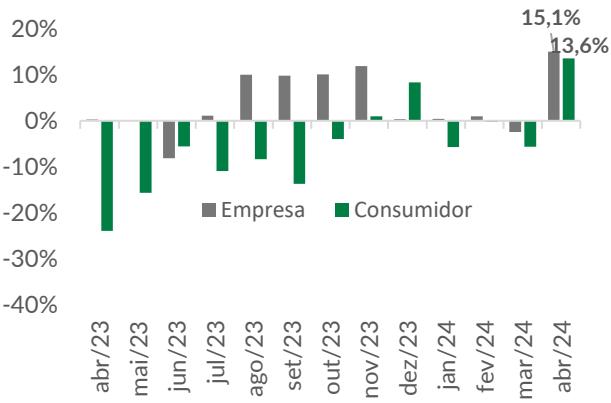
Do lado dos consumidores, o crescimento da demanda ocorreu em meio aos efeitos graduais da redução da taxa básica de juros e da inflação. Esta foi a 1ª alta registrada em 2024 para esse segmento. (já mencionado no início do texto). Por faixa de renda, destaque para aqueles que ganham entre R\$ 500 e R\$ 1.000 (+13,9%), seguido por entre R\$ 1.000 e R\$ 2.000 (+13,8%) e por de R\$ 2.000 a R\$ 5.000 (+13,3%).

No acumulado em 12 meses, a demanda das empresas voltou a acelerar, partindo de 2,8% em mar/24 para 4,0% (-4,9% em abr/23). Por porte, a procura das MPEs acelerou de 2,8% para 3,9% (-5,0% em abr/23), das ME de 1,8% para 2,8% (-3,0% em abr/23) e das GE de 10,1% para 10,3% (+5,0% em abr/23).

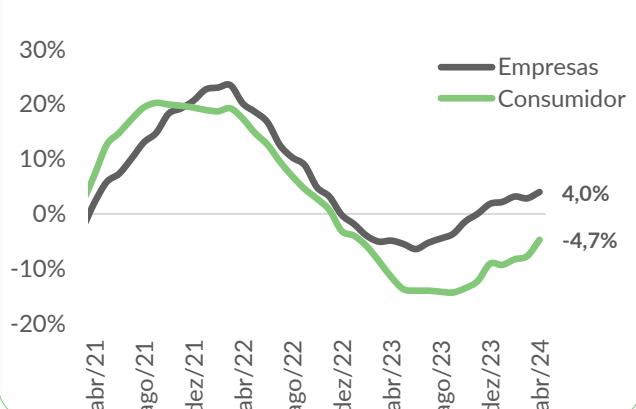
Por setor, indústria passou de uma queda de -0,1% em mar/24 para 1,0% (-3,1% em abr/23), o comércio de estabilidade para uma alta de 0,8% (-2,6% em abr/23), serviços de 5,5% para 7,0% (-7,2% em abr/23) e demais empresas de incremento de 5,7% para 8,1% (+4,6% em abr/23).

Por fim, na variação do acumulado em 12 meses, houve uma redução na intensidade da queda na demanda por crédito dos consumidores, ficando em -4,7% em abril, ante -7,7% em mar/24 (-11,5% em abr/23).

Variação Anual



Variação Acumulado em 12 Meses



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,7
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,9
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,8
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br

assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688